



PUC - Rio

VESTIBULAR 2012

1º DIA
TARDE
GRUPOS
1, 3 e 4

Novembro / 2011

PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - Você recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **BIOLOGIA**, das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, e das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas nas provas de **BIOLOGIA** e de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição) grampeado a um Caderno de Respostas, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA** e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - Verifique se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso contrário, notifique **IMEDIATAMENTE** ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **lápiz preto nº 2** ou **caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A LEITORA ÓTICA utilizada na leitura do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras, portanto, preencha os campos de marcação completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - Tenha muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR** ou **MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado em suas margens superior e/ou inferior - **BARRA DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. Você só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- se utilizar, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este Caderno de Questões e/ou o Caderno de Respostas e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**;
 - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.** O candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **30 (trinta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**.
- 10 - Quando terminar, entregue ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES e ASSINE a LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

NOTA: Em conformidade com a legislação em vigor, que determina a obrigatoriedade do uso das novas regras de ortografia apenas a partir de 31 de dezembro de 2012, o candidato poderá optar por utilizar uma das duas normas atualmente vigentes.

BOAS PROVAS!

PROVA DISCURSIVA**PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA****Texto 1****O fígado indiscreto**

Inácio era o rei dos acanhados. Pelas coisas mínimas, avermelhava, saía fora de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro foi, como era natural, menos obra sua que da menina, e da família de ambos, tacitamente concertadas numa conspiração contra o celibato do futuro bacharel. Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos, em certo dia de aniversário familiar comemorado a peru.

Inácio barbeou-se, laçou a mais famosa gravata, floriu de orquídeas a botoeira, friccionou os cabelos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se saíra da forma naquela hora. Levou consigo, entretanto, para seu mal, o acanhamento. - e daí proveio a catástrofe...

Havia mais moças na sala, afora a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benévola curiosidade a que faz jus a um possível futuro parente.

Inácio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo, um tanto desmontado com o papel de galã à força, que lhe atribuíam. Uma das moças, criaturinha de requintada malícia, muito “saída” e “semostradeira”, interpelou-o sobre coisas do coração, ideias relativas ao casamento e também sobre a “noivinha” - tudo com meias palavras intencionais, sublinhadas de piscadelas para a direita e a esquerda.

Inácio avermelhou e tartamudeou palavras desconchavadas, enquanto o diabrete maliciosamente insistia: Quando os doces, Sr. Inácio?

Respostas mascadas, gaguejadas, inéptas foram o que saiu de dentro do moço, incapaz de réplicas jeitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o a ida para a mesa.

Lá, enquanto engoliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilíbrio. A culpa aqui foi da dona da casa. Serviu-lhe dona Luiza, um bife de fígado sem consulta prévia. Esquisitice dos Lemos: comiam-se fígados naquela casa até nos dias mais solenes. Esquisitice do Inácio: nasceu com a estranha idiossincrasia de não poder sequer ouvir falar em fígado - seu estômago, seu esôfago e talvez seu próprio fígado tinham pela víscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse ele em contrariá-los: amotinavam-se repelindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal dona Luiza o serviu, Inácio avermelhou de novo, e novamente saiu fora de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiável solução. Sentiu lá dentro o motim das vísceras; sentiu o estômago, encrespado de cólera, exigir, com império, respeito às suas antipatias. Inácio parlamentou com o órgão digestivo. Mostrou-lhe que mau momento era aquele para uma guerra intestina. Tentou acalmá-lo a goles de Clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Inácio! A porejar suor nas asas do nariz, chamou a postos o heroísmo, evocou todos os martírios sofridos pelos cristãos na era romana e os padecidos na era cristã pelos heréticos; contou um, dois e três e glup! Engoliu meio fígado sem mastigar. Um gole precipitado de vinho rebateu o empache. E Inácio ficou a esperar, de olhos arregalados, a revolução intestina.

[...]

LOBATO, Monteiro. “O fígado indiscreto”. In: *Cidades mortas* (1919). 14^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1972; pp. 58-62.

Questão nº 1 (valor: 2,0 pontos)

- a) Em “O fígado indiscreto”, a imagem construída de Inácio revela uma enorme timidez, que impõe limitações às ações do personagem. Justifique essa afirmativa, relacionando-a ao principal episódio narrado no texto. Inicie a resposta por **O fato de**.

O fato de _____

- b) Transcreva do texto a passagem que insinua a falta de iniciativa de Inácio para estabelecer seu relacionamento amoroso.

- c) Em “*Esquisitice dos Lemos: comiam-se fígados naquela casa até nos dias mais solenes.*”, identifique a palavra que reforça a estranheza do narrador sobre o hábito da família.

- d) Substituindo o verbo constar por referir-se, como ficará a frase “*Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos.*”?

Texto 2

Arte culinária

[...]

Para saber comer, é preciso não ter fome. Quem tem fome não saboreia, engole. Ora, desde que o enfarruscador ofício de temperar panelas se enfeitou com o nome de *arte culinária*, temos uma certa obrigação de cortesia para com ele. E concordemos que é uma arte pródiga e fértil. Cada dia surge um pratinho novo com mil composições extravagantes, que espantam as *menagères* pobres e deleitam os cozinheiros da raça! Dão-se nomes literários, designações delicadas, procuradas com esforço, para condizer com a raridade do acepipe. Os temperos banais, das velhas cozinhas burguesas, vão-se perdendo na sombra dos tempos. Falar em alhos, salsa, vinagre, cebola verde, hortelã ou coentro, arrepia a cabeluda epiderme dos mestres dos fogões atuais. Agora em todas as despensas devem brilhar rótulos estrangeiros de conservas assassinas, e alcaparras, trutas, manteiga dinamarquesa (o toucinho passou a ser ignominioso), vinho Madeira para adubo do filet, enfim tudo o que houver de mais apurado, cheiroso e... caro!

As exigências crescem, ameaçam-nos e, sem paradoxo, somos comidos pelo que comemos. Isto vem a propósito de uma exposição de arte culinária que se fez, há pouco tempo, em Paris. Imaginem como aquilo deve ser encantador e apetitoso!

Quem já viu as vitrines das *charcuteries*, das *crémeries*, das confeitarias, etc., e que sabe com quanto mimo e elegância são expostos os queijos, os paos e os pastéis, entre *bouquets* de lilases e fofos caixões de papéis de seda bem combinados, crespos e leves como plumas, imagina que de novidades graciosas se juntarão no Palácio da Indústria.

Naturalmente, cada expositor é um arquiteto e um artista na combinação das cores. Fazem-se castelos de biscoitos, torres engenhosas de chocolate, de creme, de morangos, onde tremulem, em cristalizações policromas, as gelatinas de frutas ou de aves, refletindo luzes entre lacinhos de fita e flores frescas, porque o francês tem a preocupação gentilíssima de deleitar sempre os olhos alheios. [...]

Um país como o Brasil tão vasto e variado não teria proporções mais curiosas para realizar uma exposição neste gênero? Só de frutas, que, tratando-se da mesa, tem todo o lugar, e de doces... imaginem: fariamos um figurão! Geralmente caluniam-se as frutas brasileiras e parece-me tempo de lhes irmos dando a merecida importância. Não há nenhum brasileiro que conheça todas as frutas do seu país. O europeu desdenha-nos nesse sentido; esquece-se de que em muitos lugares do Paraná, Minas e Rio Grande desenvolvem-se peras magníficas, damascos, cerejas, nozes, etc. E as frutas e as hortaliças indígenas? Inumeráveis! O que falta à nossa *gourmandise* é poder agrupá-las, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquelas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importância à mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de comércio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saúde.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas* (1906). <http://www.biblio.com.br/> Adaptado.

Questão nº 2 (valor: 2,0 pontos)

- a) Com relação ao texto 2, exponha, com as suas próprias palavras, os argumentos da autora que remetem a uma visão positiva sobre a arte culinária brasileira.

RASCUNHO

- b) Determine o valor semântico do conectivo destacado em: “Ora, desde que o enfarruscador ofício de temperar panelas se enfeitou com o nome de arte culinária, temos uma certa obrigação de cortesia para com ele.”

RASCUNHO

- c) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o trecho “(...) isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importância à mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de comércio,(...)”, iniciando-o da seguinte forma:

Isso só se poderia fazer _____

RASCUNHO



Texto 3

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994; pp. 346-347.

Questão nº 3 (valor: 2,0 pontos)

a) No terceiro verso da primeira estrofe do poema de João Cabral de Melo Neto, há uma construção com um termo elíptico.

i) Identifique o termo que foi omitido;

RASCUNHO

ii) Explique o efeito que tal omissão confere ao poema.

RASCUNHO

Texto 4

Comida

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.

ANTUNES, Arnaldo, FROMER, Marcelo e BRITTO, Sérgio. *Titãs acústico*. WEA, 1997.

Questão nº 5 (valor: 2,0 pontos)

- a) A letra de música tem um valor extraordinário na nossa tradição cultural. Artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Renato Russo e Caetano Veloso, por exemplo, são responsáveis por textos que ajudaram a construir o imaginário brasileiro, tematizando aspectos políticos, afetivos e sociais relevantes. A partir dessas observações, comente as noções de engajamento e conteúdo crítico, tendo o texto 4 como referência.

- b) Determine três aspectos presentes na concepção formal de “Comida”.



PUC - Rio

VESTIBULAR 2012

1º DIA
MANHÃ
GRUPO 2

Novembro / 2011

PROVAS DISCURSIVAS DE PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

- 01 - Você recebeu do fiscal o seguinte material:
- este Caderno, com o enunciado das 10 questões objetivas de **BIOLOGIA**, das 10 questões objetivas de **LÍNGUA ESTRANGEIRA**, e das 5 questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA**, sem repetição ou falha, e o **tema da Redação**;
 - um **CARTÃO-RESPOSTA**, com seu nome e número de inscrição, destinado às respostas das questões objetivas formuladas nas provas de **BIOLOGIA** e de **LÍNGUA ESTRANGEIRA** (conforme opção na inscrição) grampeado a um Caderno de Respostas, contendo espaço para desenvolvimento das respostas às questões discursivas de **PORTUGUÊS e LITERATURA BRASILEIRA** e à folha para o desenvolvimento da **Redação**.
- 02 - Verifique se este material está em ordem e se o seu nome e número de inscrição conferem com os que aparecem no **CARTÃO-RESPOSTA**. Caso contrário, notifique **IMEDIATAMENTE** ao fiscal.
- 03 - Após a conferência, o candidato deverá assinar, no espaço próprio do **CARTÃO-RESPOSTA**, a caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta.
- 04 - No **CARTÃO-RESPOSTA**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos, a **lápiz preto nº 2 ou caneta esferográfica transparente de tinta na cor preta**, de forma contínua e densa. A LEITORA ÓTICA utilizada na leitura do **CARTÃO-RESPOSTA** é sensível a marcas escuras, portanto, preencha os campos de marcação completamente, sem deixar claros.
- Exemplo: (A) ● (C) (D) (E)
- 05 - Tenha muito cuidado com o **CARTÃO-RESPOSTA**, para não o **DOBRAR, AMASSAR ou MANCHAR**. O **CARTÃO-RESPOSTA** somente poderá ser substituído se, no ato da entrega ao candidato, já estiver danificado em suas margens superior e/ou inferior - **BARRA DE RECONHECIMENTO PARA LEITURA ÓTICA**.
- 06 - Para cada uma das questões objetivas são apresentadas 5 alternativas classificadas com as letras (A), (B), (C), (D) e (E); só uma responde adequadamente ao quesito proposto. Você só deve assinalar **UMA RESPOSTA**: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, **MESMO QUE UMA DAS RESPOSTAS ESTEJA CORRETA**.
- 07 - As questões são identificadas pelo número que se situa acima de seu enunciado.
- 08 - **SERÁ ELIMINADO** do Concurso Vestibular o candidato que:
- se utilizar, durante a realização das provas, de máquinas e/ou relógios de calcular, bem como de rádios gravadores, *headphones*, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie;
 - se ausentar da sala em que se realizam as provas levando consigo este Caderno de Questões e/ou o Caderno de Respostas e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**;
 - não assinar a Lista de Presença e/ou o **CARTÃO-RESPOSTA**.
- Obs.** O candidato só poderá se ausentar do recinto das provas após **30 (trinta) minutos** contados a partir do efetivo início das mesmas.
- 09 - Reserve os 30 (trinta) minutos finais para marcar seu **CARTÃO-RESPOSTA**.
- 10 - Quando terminar, entregue ao fiscal o **CARTÃO-RESPOSTA** grampeado ao **CADERNO DE RESPOSTAS** e à folha com o desenvolvimento da **Redação** e este **CADERNO DE QUESTÕES** e **ASSINE** a **LISTA DE PRESENÇA**.
- 11 - **O TEMPO DISPONÍVEL PARA ESTAS PROVAS DE QUESTÕES OBJETIVAS E DISCURSIVAS É DE 4 (QUATRO) HORAS.**

NOTA: Em conformidade com a legislação em vigor, que determina a obrigatoriedade do uso das novas regras de ortografia apenas a partir de 31 de dezembro de 2012, o candidato poderá optar por utilizar uma das duas normas atualmente vigentes.

BOAS PROVAS!

PROVA DISCURSIVA

PORTUGUÊS E LITERATURA BRASILEIRA

Texto 1

Os usos da carta

Considerada como um dos mais antigos meios de comunicação, a carta ainda hoje persiste e insiste, apesar dos avanços tecnológicos da era comunicacional. Diversos autores como Mindlin (2000), Comte-Sponville (1997) e Galvão (1998) consideram-na uma grande invenção, imbatível no campo da comunicação à distância, que não se deixou abalar pelas invenções como o telefone, o fax ou mesmo o computador e a internet. Para Mindlin (2000) e Comte-Sponville (1997), as conversas por telefone são efêmeras, perdem-se facilmente ao término do diálogo, são rápidas, assim como os emails em que há o predomínio das correspondências curtas. Para Galvão (1998), o fax propiciou fôlego ao manuscrito, uma vez que podemos enviar um texto tal qual uma carta – digitada ou de próprio punho, com desenhos, por exemplo, mas com a rapidez exigida pelos tempos modernos que o correio ainda não acompanha; já o computador ampliou sua dimensão para a simultaneidade das trocas que a escrita linear não permitiu. [...]

A carta permite a eternização do presente, dos ditos e trocas pessoais, muitas vezes de assuntos banais, que podem ser relidos alguns anos depois. Diferentes das obras literárias, as trocas de correspondências não possuem a finalidade de uma obra de arte endereçada ao público para toda a eternidade. Trata-se de uma “obra” de caráter privado, um compartilhar entre contemporâneos que pode – no caso de personalidades públicas, como atestam inúmeros exemplos – vir a público quer pela riqueza de seu conteúdo, quer pela curiosidade que despertam acerca da vida privada.

[...]

A correspondência pode se prestar a dar conselhos e orientações. O exercício de pensamento e reflexão endereçado a um outro servirá ao próprio autor como treinamento frente a situações similares que venha a enfrentar no futuro e servirá para um aperfeiçoamento de sua própria conduta. A correspondência é este exercício de troca: o remetente, na medida em que auxilia, consola, aconselha ou informa, beneficia a si mesmo e promove o crescimento do destinatário que poderá futuramente retribuir de forma igualitária. [...]

Um dos mais antigos registros da história da epistolografia ocidental pode ser encontrado entre os filósofos da Antiguidade Clássica, entre os quais Platão, Epicuro e Isócrates. Sob forma de cartas, muitos textos eram destinados ao ensino; outras na forma de cartas abertas, públicas, com temas de interesse coletivo, eram endereçadas a indivíduos com posições sociais significativas, e, mesmo as cartas de caráter reservado, não perderam sua relevância histórica, política ou filosófica (Miranda, 2000). As cartas prestavam-se a descrições de viagens, impressões de novos lugares, considerações sobre o regime político em vigor, assim como aconselhamentos e mesmo exercício intelectual tornando-se ela mesma material de reflexão. [...]

Fragmento adaptado de GORRESE, Gisela. *O amor nas entrelinhas: cartas de fãs de telenovelas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. p. 5-21.

Questão nº 1 (valor: 2,0 pontos)

- a) De acordo com o texto 1, explique como as cartas podem contribuir para o amadurecimento tanto do remetente como do destinatário.

- b) Os verbos *persistir* e *insistir* foram empregados sem complementação no seguinte trecho do texto 1: “*Considerada como um dos mais antigos meios de comunicação, a carta ainda hoje persiste e insiste, apesar dos avanços tecnológicos da era comunicacional*”.

Preencha a lacuna com um complemento verbal adequado, de modo que a coerência do texto seja mantida.

Considerada como um dos mais antigos meios de comunicação, a carta ainda hoje persiste e insiste _____, apesar dos avanços tecnológicos da era comunicacional.

Texto 2

Carta

Meu caro,

Tenho pensado muito em você, ultimamente. Em seu traquejo e perspicácia, em sua capacidade de percepção, na sua maneira desmedida com que sempre amou nossa cidade. E sabe de uma coisa? Você está fazendo falta.

Às vezes me pergunto o que diria de tudo a que temos assistido. Você, com seu jeito mundano, cosmopolita – elegante. Sim, porque é sobretudo elegância que nos tem faltado.

Talvez você já saiba que as notícias não são lá muito boas. Pensei em começar dizendo que apesar de tudo o Rio continua lindo, mas sustei a pena, primeiro porque seria um clichê e depois porque isso você vê todos os dias, apesar de estar distante. Mas a verdade é que estamos passando um aperto. Nosso Rio, meu caro, tornou-se de repente um símbolo do mal. De uns tempos para cá, uma conjugação de fatores – policiais, políticos, econômicos e outros mais impalpáveis – tem contribuído para isso, criado uma bola de neve que não temos sabido como deter. A imagem da cidade dói associada à violência, de forma taxativa. É estranho porque, embora a violência seja inegável, há dados que deveriam nos fazer, a todos, refletir. Não faz muito tempo eu li que, entre as cidades brasileiras, o Rio está em sétimo lugar em número de homicídios, oitavo lugar em número de assaltos com morte, quinto lugar em número de mortes violentas. Sua “melhor” colocação nesse ranking macabro é um segundo lugar em número de roubos de carros.

Por que então essa satanização, esse linchamento moral?

Pode ser que você, daí de longe, saiba me responder.

Há pouco eu falava em clichês. Talvez seja isso. O clichê pega, ganha força, vida própria, começa a ser repetido automaticamente, sem reflexão. Até que todos acabam acreditando. Se a lenda for mais forte que a verdade, que se publique a lenda, disse o personagem de um filme antigo, do qual você devia gostar.

Mas temos de reagir. E a primeira coisa que nós, cariocas, precisamos fazer é não nos deixar vencer pelo medo. O que seria de Nova York se depois do 11 de setembro as pessoas tivessem deixado isso acontecer? Mas elas reagiram, saíram de casa, foram para a Broadway, encheram os restaurantes. Houve quem, morando fora há muitos anos, voltasse para Nova York, só para ajudar a salvar a cidade. É assim que tem que ser.

E sabe de uma coisa, meu caro? Estou achando que a situação já começa a mudar. Estou percebendo um movimento, um rumor nas ruas. E tenho a impressão de que você concorda comigo. Porque outro dia, numa manhã cinzenta, passei por sua figura de bronze, parada ali de frente para as areias do Leblon, o paletó jogado nas costas, e pensei ter visto em seu rosto – esse rosto já azinhavrado pelos ventos e ressacas – um olhar de esperança. Foi quando me convenci de que as coisas vão melhorar.

É isso.

Para você, meu caro Zózimo, um grande abraço.

SEIXAS, Heloisa. *Contos Mínimos*. Revista *Domingo*. Jornal do Brasil. 29 de junho de 2003. p. 42

Questão nº 2 (valor: 2,0 pontos)

- a) A carta ficcional da escritora Heloisa Seixas ao então já falecido jornalista Zózimo Barrozo do Amaral remete a um momento passado, em que a cidade do Rio de Janeiro vivia problemas diversos. Explique como a autora relativiza o estigma negativo criado sobre a cidade.

RASCUNHO

- b) Tendo em vista o emprego da palavra **cariocas**, comente a diferença de leitura que se estabelece entre as duas frases a seguir:
- i) “E a primeira coisa que nós, cariocas, precisamos fazer é não nos deixar vencer pelo medo.” (texto 2)
- ii) E a primeira coisa, cariocas, que nós precisamos fazer é não nos deixar vencer pelo medo.

RASCUNHO

- c) Fazendo apenas as modificações necessárias, reescreva o trecho “*porque isso você vê todos os dias, apesar de estar distante.*” (texto 2), substituindo o elemento coesivo sublinhado por outro de valor semântico equivalente.

RASCUNHO

Texto 3

Cartas de meu avô

A tarde cai, por demais
Erma, tímida e silente...
A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velinhos,
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que, ainda verde, apodreceu.

O meu semblante está enxuto
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 12

Questão nº 3 (valor: 2,0 pontos)

- a) Manuel Bandeira publicou o seu primeiro livro, "A cinza das horas", em 1917, e um dos poemas que compõe a obra é exatamente "Cartas de meu avô". Sendo Bandeira um dos mais importantes poetas do nosso Modernismo, comente as principais diferenças entre o texto 3 e o ideário estético adotado por ele a partir dos anos 1920.

RASCUNHO

b) Determine o gênero literário predominante no texto 3, justificando a sua resposta com aspectos que o caracterizam.

Questão nº 4 (valor: 2,0 pontos)

a) Na 6ª estrofe do poema de Bandeira, nos dois últimos versos, ocorre um hipérbato, isto é, um rompimento da ordem direta dos termos da oração.

i) Desfaça o hipérbato, reescrevendo os dois versos na ordem direta.

ii) Indique a finalidade com que o hipérbato foi usado nessa estrofe.

b) Em *Cartas de meu avô* (texto 3), há referências às várias etapas da vida de um casal, inclusive aos percalços e aos tempos difíceis vividos.

Transcreva do texto os dois versos (seguidos) que denotam a superação dos problemas e o fortalecimento da relação do casal.

c) Reescreva os versos destacados a seguir, flexionando no plural o substantivo que aparece na função de sujeito. Faça apenas as modificações necessárias.

“A paixão, medrosa dantes / Cresceu, dominou-o todo.”

Texto 4

Aurélia que se dirigira ao seu toucador, sentou-se a uma escrivaninha de araribá guarnecido de relevos de bronze dourado e escreveu uma carta de poucas linhas.

A todos os pormenores dessa comezinha operação, no dobrar a folha de papel, encerrá-la na capa, derreter o lacre e imprimir o sinete, a moça deliberadamente aplicava a maior atenção e esmero.

Ou essa carta era destinada a quem tudo lhe merecia, ou nesse apuro e cuidado buscava Aurélia disfarçar a hesitação que a surpreendera no momento de realizar uma ideia anteriormente assentada.

Depois de sobrescrita a carta, a moça tirou do segredo da secretária um cofre de sândalo embutido de marfim.

Havia ali entre cartas e flores murchas um cartão de visita, já amarelo, que ela escondeu no bolso do roupão, depois de guardado na sua carteirinha de veludo.

Ao som do tímpano apareceu um criado. Aurélia entregou-lhe a carta com um gesto vivo e a voz breve, como receosa de súbito arrependimento.

– Para o Sr. Lemos! Depressa!

Sentiu então Aurélia essa quietude que sucede às lutas do coração. Ela tinha afinal resolvido o problema inextricável de sua vida; e em vez de abandonar-se ao acaso e deixar-se levar pelo turbilhão do mundo, achara em sua alma a força precisa para dirigir os acontecimentos e dominar o futuro.

Daí provinha a calma de que revestia-se ao deixar o toucador e que outra vez imprimia à sua beleza uma doce expressão de melancolia e resignação.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Moderna, 1983, pp. 22-23.

Questão nº 5 (valor: 2,0 pontos)

- a) Considerada uma obra-prima da literatura brasileira, “Senhora”, romance urbano de José de Alencar, foi publicado em 1875. Tendo como referência o texto acima, indique duas características que confirmam a filiação do romance à estética romântica.

- b) A compreensão do jogo entre o narrador, as personagens e o leitor é um dos procedimentos críticos necessários à análise da obra literária. Determine o foco narrativo utilizado por Alencar em “Senhora” e comente a sua relevância.
